



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

NÓS E O TEMPO: UMA EXPERIÊNCIA DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

José Matheus Freitas Santos¹
Universidade Estadual da Paraíba
Email: freitasmatheus.s@hotmail.com

Auricélia Lopes Pereira²
Universidade Estadual da Paraíba
Email: auricelialpereira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O pensar historicamente deve ser uma característica inerente ao professor, uma consciência impregnada no seu âmago, uma essência que norteie a sua prática docente, seja ele de áreas do conhecimento paralelas à história ou membro desta, é necessário localizar-se e entender-se como sujeito histórico, afim de que, assumindo-se como tal possa conduzir os seus alunos a também compreenderem-se como sujeitos históricos- visto que, eles (alunos) são os personagens principais do enredo educacional- pois, uma máxima impera nessa afirmação, a de que tudo possui uma historicidade.

O historiador Luís Fernando Cerri nos fala que “quem acreditamos que somos depende de quem acreditamos que fomos”, logo, o passado, neste sentido, se torna o cerne e a pedra angular das questões que movem o tempo presente. Foi partindo desta afirmação que desenvolvemos junto aos alunos do 6º ano “E” da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação situada na cidade de Campina Grande uma oficina sobre pinturas rupestres, onde buscamos fazer uma analogia acerca das diferentes formas de representação do homem no tempo, cujo meio mais utilizado na pré-história era a pintura rupestre e hoje a exaustiva exposição de fotos e textos nas redes sociais, onde a subjetividade humana transcende o âmbito do particular. O objetivo principal da referida atividade foi conduzir os alunos ao florescer de uma conscientização histórica, onde eles se compreendessem enquanto sujeitos históricos.

- 1- Graduando do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba; Bolsista PIBID/CAPES.
- 2- Professora Doutora do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba; Bolsista PIBID/CAPES.





METODOLOGIA

Na elaboração do trabalho acima mencionado, buscamos percorrer o caminho mais prático, a fim de conseguirmos abordar de modo efetivo e dinâmico com os alunos o tema que por nós foi proposto. Haja vista que estávamos inseridos em um contexto de diversas problemáticas, cujas circunstâncias físicas não nos permitiam a utilização de recursos didáticos avançados, achamos por bem nos utilizarmos de elementos mais acessíveis sem, no entanto, descredenciar ou pauperizar o trabalho. A princípio, para a discursão do tema, que estava interligado com o estudo da pré-história, foi elaborado um texto analógico/comparativo, o qual abordava a necessidade humana de representação, partindo dos homens tidos como pré-históricos e as suas pinturas rupestres até o homem tido como moderno ou pós-moderno com as redes sociais e as imagens que nelas são postadas. Em seguida, foi apresentado aos alunos um breve vídeo que expunha a maneira que e em quais circunstâncias os homens pré-históricos elaboravam as pinturas rupestres, cuja principal motivação era a necessidade de representar-se e produzir uma identidade coletiva.

Desse modo, compreendemos que “a consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser coletiva” (CERRI. 2011. pg. 101). Por fim, estando à sala subdividida em grupos, pedimos aos alunos que reproduzissem elementos que perpassassem o seu cotidiano, expressando os seus sentimentos e demonstrando os fatores que os definiam e os ligavam enquanto tribo (grupo) e indivíduos singulares. Disponibilizamos limitados instrumentos, como cartolina e tintas; ali eles deveriam imprimir os seus sentimentos, assim como os homens da pré-história faziam nos matacões e paredões de pedra.

RESULTADOS ALCANÇADOS

A identidade assume papel preponderante no movimento de conscientização histórica, de modo que ela mostra-se como imprescindível para a formação de um autoconhecimento e um reconhecimento coletivo. Logo,



“o estabelecimento da identidade de um grupo passa pelas imagens, ideias, valores que os seus participantes julgam serem os seus atributos específicos, sendo que o primeiro deles é o nome” (CERRI. 2011. pg. 102). Assim aconteceu no decorrer do trabalho, os alunos reuniram-se com os seus respectivos grupos (tribos) e debateram acerca dos elementos que os identificavam enquanto sujeitos históricos. Esse breve diálogo fez surgir nos alunos uma identidade, tanto coletiva quanto individual. Acompanhando algumas discursões percebi que as principais indagações giravam em torno do âmbito escolar, o papel que eles desempenhavam enquanto alunos e as relações interpessoais estabelecidas naquele ambiente.

Dessa maneira, percebemos que

Produzir uma identidade coletiva e, dentro dela uma consciência histórica específica e com ela sintonizada é um dado essencial a qualquer grupo humano que pretende sua continuidade. Decorre disso que, considerando essa necessidade como universal, as formas de produzir essa liga são diferentes e adaptadas as condições de um grupo. Assim, se para a comunidade primitiva a sua continuidade estava pautada na transmissão de seus mitos e na preservação da memória de seus bravos, nas sociedades mais complexas essa tarefa passa a ser exercida por instituições socialmente organizadas para este fim, exemplo é a escola. (CERRI. 2011. pg. 103)

A partir da citação acima mencionada identificamos o papel da escola como fomentadora de identidade e, conseqüentemente, conscientização histórica. Todavia, sabe-se que as instituições escolares pouco desempenham essa função, pois, estão mergulhadas em um mar de dificuldades, dentre elas a formação dos professores, que não são levados a pensar historicamente, algo que influencia substancialmente a formação do aluno. A pedagogia parece ter entrado numa crise existencial, dialogando minimamente com outros saberes acaba reduzindo seu campo de discursividade. É preciso reinventar-se e voltar a sorrir.

Por fim, conseguimos discutir de maneira satisfatória a temática da consciência histórica, onde os alunos puderam reconhecer-se como sujeitos históricos, condicionados as implicações da história, mas, ativamente participantes e produtores dela. Abaixo seguem as imagens dos trabalhos



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

elaborados pelos alunos, no qual eles imprimiram as suas experiências, partindo da discussão feita em sala de aula.



CONCLUSÃO

Portanto, concluímos que o projeto realizado em sala de aula alcançou seus objetivos. Conferiu, como esperado, uma nova visão sobre a História aos alunos. Fomentou, de maneira clara, dinâmica e efetiva uma aproximação estreita entre um conteúdo que por muitos é tido como “chato” e “cansativo” e os jovens estudantes. Deu-lhes uma nova perspectiva acerca da história e a relação humana com ela. Atribuiu sentido ao papel daquelas crianças enquanto alunos, fazendo-os perceber que são sujeitos históricos e que possuem, igualmente, poder sobre a história. Pois, o principal papel da história enquanto disciplina é nos ajudar a descobriremos quem somos e, sobretudo, nos fazer sorrir.

REFERENCIAL TEÓRICO





CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e Consciência Histórica: Implicações didáticas de uma discursão contemporânea. São Paulo: FGV Editora. 1 ed. 2011.

